

# URNA ELETRÔNICA: UMA QUESTÃO DE CONFIANÇA

Moritz Lohe

*Freie Universität Berlin - FUBERLIM*

✉ moritzlohe@gmail.com

A história das urnas eletrônicas começa nos anos 90, no Brasil. Elas foram usadas pela primeira vez em 1996, em 57 cidades, nas eleições municipais e atingiram cerca de 32 milhões de eleitores, portanto 32% do eleitorado. Em 2000, pela primeira vez no país e no mundo, eleições municipais foram executadas totalmente através de urnas eletrônicas.<sup>1</sup> Além do Brasil, países como Alemanha, Holanda, Itália e os Estados Unidos também as usaram nas eleições, porém, enquanto no Brasil as urnas eletrônicas triunfaram, nos outros países elas foram proibidas.<sup>2</sup>

A discussão geral relacionada às urnas eletrônicas é acerca da segurança das eleições. Inquestionavelmente, a fraude eleitoral é possível com ou sem elas. Por um lado, as pessoas que apóiam as urnas eletrônicas ressaltam que os votos digitalizados evitam a maioria das fraudes, principalmente aquelas feitas com cédulas falsas ou com votos em branco, que eram desviados para certos candidatos. Contudo, as pessoas também afirmam que a votação totalmente digital deixa abertas brechas para novos tipos de fraude. Por exemplo, ao votar, o eleitor vê na tela da urna o nome e o número do candidato, e depois confirma.

---

<sup>1</sup> TRE-SP (2009): Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Urna Eletrônica. Histórico, baixado sob: <http://www.tre-sp.gov.br/urna/historico.htm>, em 12.12.2009.

<sup>2</sup> Stegers, Fiete (2009): Fragen und Antworten zum Thema Wahlcomputer, baixado sob: <http://www.tagesschau.de/inland/wahlcomputer124.html>, em 12.12.2009.

Mas um programa malicioso escondido na própria urna pode fazer com que o voto guardado em sua "memória" seja diferente do que foi visto na tela, como mostrou a experiência feita no canal "Nederland 1" da Holanda com urnas eletrônicas usadas pela eleição holandesa.<sup>3</sup>

Desta forma, o problema não está no meio pelo qual a eleição é feita, urnas ou cédulas, mas sim nas pessoas que têm acesso a estes meios. Pessoas estas que deveriam ser mais bem selecionadas ou supervisionadas.

Uma outra diferença que gira em torno das urnas eletrônicas e das cédulas é quanto à possibilidade do eleitorado observar a eleição e controlar para que não haja fraude. Com as urnas eletrônicas, o decurso no posto eleitoral ainda é observável, mas não é possível acompanhar a contagem eletrônica dos votos. O que as urnas gravam, e se elas gravam, o eleitor não tem como saber. Além disso, a contagem dos votos é reduzida pelo processo de impressão. Já com as cédulas, os eleitores interessados podem assistir depois o encerramento dos seções eleitorais. Contudo, um eleitor não pode assistir todas as contagens da eleição e por isso não pode ter certeza que elas foram executadas corretamente. Então, qual é mesmo a diferença entre urnas eletrônicas e cédulas? Por que alguns países, como a Alemanha, proibiram urnas eletrônicas e o Brasil fica orgulhoso de ser o primeiro país a executar eleições em 100% com urnas eletrônicas?

A resposta é confiança. Confiar pode ser considerado como acreditar que um processo será feito como esperado. Assim, se alguém opta pela utilização das urnas eletrônicas ao invés de cédulas é por que acredita que com as urnas a possibilidade de fraude é menor. Geralmente, as urnas eletrônicas representam a tecnologia; em contrapartida, as cédulas, respectivamente os auxiliares eleitorais, que contam os votos, representam as instituições públicas, por isso, a questão básica é se o eleitorado confia mais na tecnologia ou nas instituições públicas.

Na Europa e principalmente na Alemanha, há uma desconfiança quanto a novas tecnologias que as pessoas não conseguem dominar. Por causa disso, os alemães podem ser considerados conservadores no contexto tecnológico. Assim, a discussão pública na Alemanha sobre a utilização das urnas eletrônicas gira em torno da possibilidade de manipulação e do medo da impossibilidade de examinar possíveis fraudes. Já os brasileiros, geralmente, são muito abertos às novidades. Novas tecnologias são consideradas coisas boas que ajudam simplificar a vida e por isso não são muito questionadas. Com isso, a discussão pública no Brasil

---

<sup>3</sup> Pode-se assistir a emissão original sob <http://chaosradio.ccc.de/ctv062.html> com legendas em inglês.

sobre a utilização das urnas eletrônicas permaneceu no campo da possibilidade que elas representam de evitar fraudes eleitorais se comparadas às cédulas.

Ao contrário do Brasil, onde as instituições públicas gozam de uma confiança relativamente baixa e são percebidas como mecanismos de controle da elite, na Alemanha elas são percebidas como um apoio à sociedade. Por isso, os alemães confiam nos responsáveis pelo processo eleitoral e nunca tiveram problemas com a maneira mais simples de votar. Lá, a desconfiança na tecnologia é maior do que nas instituições públicas e seus empregados, por isso as urnas eletrônicas não são aceitas.

Os alemães têm mais medo da possibilidade de manipulação da tecnologia do que as instituições sejam corrompidas. Mas, no Brasil, a desconfiança nas instituições é maior do que na tecnologia. Os brasileiros consideram maior a probabilidade de uma fraude eleitoral se os auxiliares eleitorais contarem os votos

Finalmente pode-se considerar a aceitação das urnas eletrônicas uma consequência do contexto social. A visão individual de confiança está construída pela sociedade, como valores pessoais. Por isso, a questão da aceitação das urnas eletrônicas não é uma questão da segurança nem de racionalidade, mas uma questão cultural.